

DF - Educação CORREIO BRASILIENSE

Normalistas na rua da incerteza

Fundação Educacional atrasa pagamento de aluguel à Upis, que não pretende renovar a locação. Alunos não sabem onde vão ficar

Nicolas Bonvakiades
Da equipe do Correio

Os alunos do curso de magistério da Escola Normal de Brasília (ENB) receberam ontem uma notícia bem desagradável. A Fundação Educacional do Distrito Federal está inadimplente com o aluguel do prédio onde eles têm aulas. Depois de 40 dias sem atividades didática, devido à greve dos professores, mais dez por causa da interdição do prédio da ENB na 907 Sul, os normalistas correm o risco de se tornar "sem-escola", a partir do dia 19 deste mês.

Quando o prédio foi interditado, em 10 de agosto, as turmas do jardim de infância, magistério, supletivo e ensino básico foram divididas e acomodadas em outros locais da cidade. Os normalistas foram para o prédio da União Pioneira Integração Social (Upis), na 712/912 Sul. A Fundação Educacional alugou todo o bloco A, para a continuidade das aulas. E não pagou os dois últimos meses. O gasto mensal com o aluguel é superior a R\$ 40 mil.

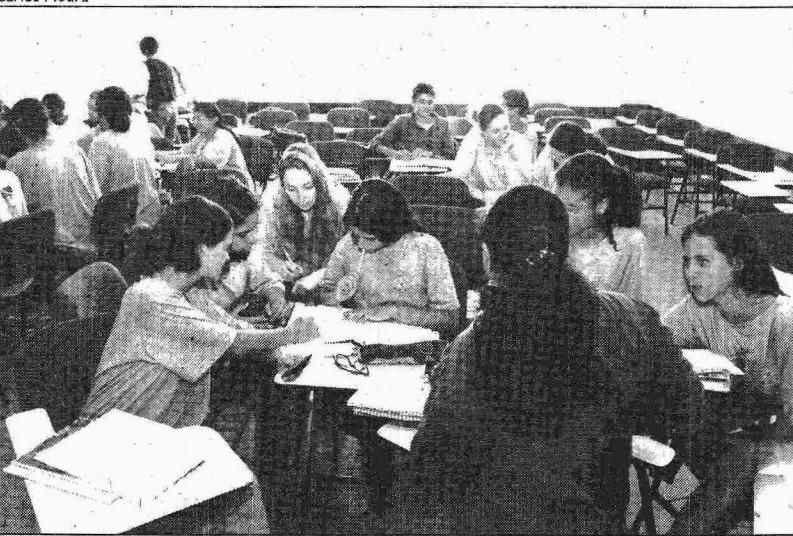
No fim da tarde de quarta-feira, o diretor da ENB, Acácio Costa Calil, que contava com a renovação do contrato que vence no dia 18, ficou sabendo, numa conversa com o diretor da Upis, que a partir do dia 19 seus alunos não poderão continuar usando as instalações do campus. O contrato não seria renovado. "Ele foi muito elegante e educado ao dar essa informação. Entendemos que a culpa não é da direção da Upis. Só temos a agradecer à direção da faculdade", diz Acácio.

FUTURO INCERTO

Ontem Calil teve que passar de sala em sala, dando a notícia aos alunos. "Eles ficaram perplexos e apreensivos", conta. Em nenhum momento a direção da Upis ameaçou proibir o acesso do pessoal da Escola Normal, mas, diante da inadimplência, não pretende renovar o contrato.

Alunos e professores ficaram desconcertados. "A gente ficou surpresa e desorientada", diz a aluna do terceiro ano Maria do Socorro Alves, 21 anos. "E sentimos vergonha,

Carlos Moura



Os estudantes da ENB correm o risco de ficar sem aulas outra vez

também. Nós podemos passar pelo constrangimento de ser despejados", declara.

Socorro deixou de fazer inscrição no vestibular, por causa da confusão do fim de ano. "Teve a greve, depois a mudança para cá... O fim de ano ficou muito complicado. Eu não teria tempo para estudar", diz.

Pior do que já está, ainda tem como ficar. A reforma da estrutura do prédio interditado não saiu da fase de avaliação. Ele continua lá, fechado. Nem sinal de obras. Se o contrato de aluguel não for renovado, todo mundo muda mais uma vez.

"Entrariam oito novas turmas aca-

dêmicas no ano que vem. Não temos idéia de como vamos acomodá-los", diz o diretor. "A menos que seja feita uma reforma-relâmpago, nos meses de janeiro e fevereiro, a situação vai ficar complicada", avalia Acácio.

DEVO, NÃO NEGÓ

Simone Mattos Simpson, 19 anos, outra aluna do terceiro ano, está inscrita para o vestibular de Medicina Veterinária da Universidade de Brasília. A notícia do calote da FEDF caiu como um banho de água fria. "Me desanimei completamente. A reação da minha turma inteira foi de revolta", afirma a moça.

"A nossa situação é até mais fácil, porque estamos terminando o segundo grau. E como ficam os outros, que estão no primeiro e segundo anos?", pergunta. O constrangimento é generalizado entre a equipe docente também. "A imagem da fundação fica arranhada tanto com a comunidade quanto com os alunos, que estão se formando para ser professores", avalia Calil.

O diretor executivo da FEDF, Jaci Braga, diz que *a batata quente já está sendo descascada*. "Houve um problema de fluxo de caixa que já está sendo solucionado. O pagamento dos dois meses em atraso será feito na próxima semana", garante.

Ele afirma que há interesse da fundação em manter o bom relacionamento com a direção da Upis e negocia a permanência dos alunos, pois o prédio do segundo grau da ENB não ficará pronto antes do segundo semestre de 1999. "Em primeiro de março, os alunos do curso primário voltam. Essa parte da escola será liberada depois da reforma da parte elétrica", diz.

Mas o comprometimento da outra parte é maior do que se imaginava. "Os engenheiros ainda estão elaborando o laudo técnico da estrutura. A recuperação será bem mais complicada do que imaginávamos", afirma.